

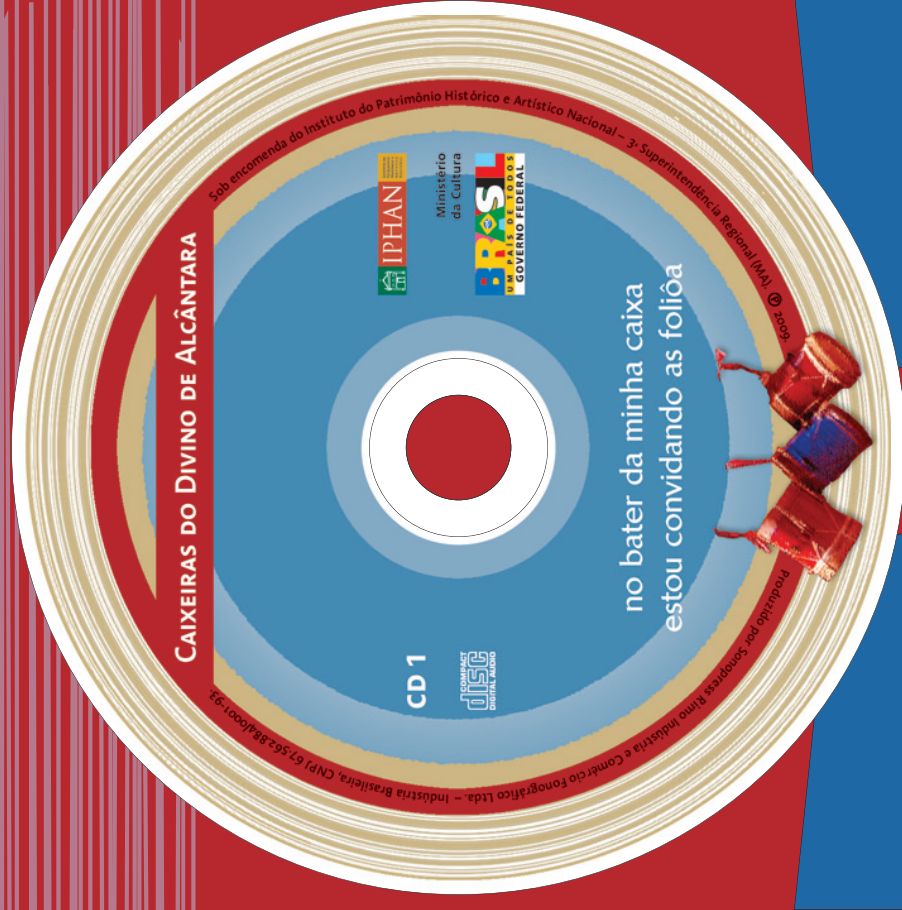
CAIXEIRAS DO DIVINO DE ALCÂNTARA

no bater da minha caixa
estou convidando as folião



CD 1

1. TOCA A CAIXA MINHAS CAIXEIRA
2. AI MEU DEUS
3. AJOELHEI MEU DEUS
4. SERENO DA MADRUGADA
5. QUANDO DEUS ANDOU NO MUNDO
6. SÓ UM DEUS
7. SANTO ANTONIO DE LISBOA
8. AI EU VOU BEBER AGUA NO CÉU
9. SEVERA
10. É PAPAI MIRANDA
11. VAMOS SALVAR OS BRASILEIROS
12. ÉA



Presidente da República
Luis Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura
Juca Ferreira

Presidente do Iphan
Luiz Fernando Almeida

Diretora do Patrimônio Imaterial
Márcia Sant'Anna

Diretor do Patrimônio Material e Fiscalização
Dalmo Vieira Filho

Diretor de Museus e Centros Culturais
José do Nascimento Junior

Diretora de Planejamento e Administração
Maria Emília Nascimento Santos

Coordenadora Geral de Pesquisa, Documentação e Referência
Lia Motta

Coordenadora Geral de Promoção do Patrimônio Cultural
Fernanda Pereira

Superintendente Regional do Iphan no Maranhão
Kátia Santos Bogéa

Responsável pelo Projeto
Rodrigo Martins Ramassote

São Luís, maio de 2009

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
3ª Superintendência Regional (MA)

Rua do Giz, 235 – Centro
Telefone (98) 3231-1388
São Luís – MA

<http://www.iphan.gov.br>
webmaster@iphan.gov.br

ENTRE OS MESES DE SETEMBRO e dezembro de 2007, Marise Barbosa, pesquisadora da presença das mulheres na condução da Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão, recolheu material sonoro e depoimentos para a gravação de um Cd de músicas contendo parte do repertório de cantigas e toques das Caixeiros do Divino Espírito Santo do município de Alcântara. Contratada pela Superintendência Regional do Iphan no Maranhão, e munida de equipamento portátil próprio para a captação de som, Marise reuniu-se durante as manhãs de três dias por semana com as Caixeiros Marlene Silva (Malá) e Ana Benedita Ferreira (Anica), às quais se juntou um grupo de jovens ban-deirinhas, estimulando-as a rememorem cantigas e versos, episódios da vida pessoal e pessoas conhecidas, transformações pelas quais passou a festa no município e questões de ordem musical. Na melhor tradição antropológica, isto é, convivendo íntima e profundamente com os sujeitos pesquisados, Marise pôde extrair dos meandros da memória das irmãs Malá

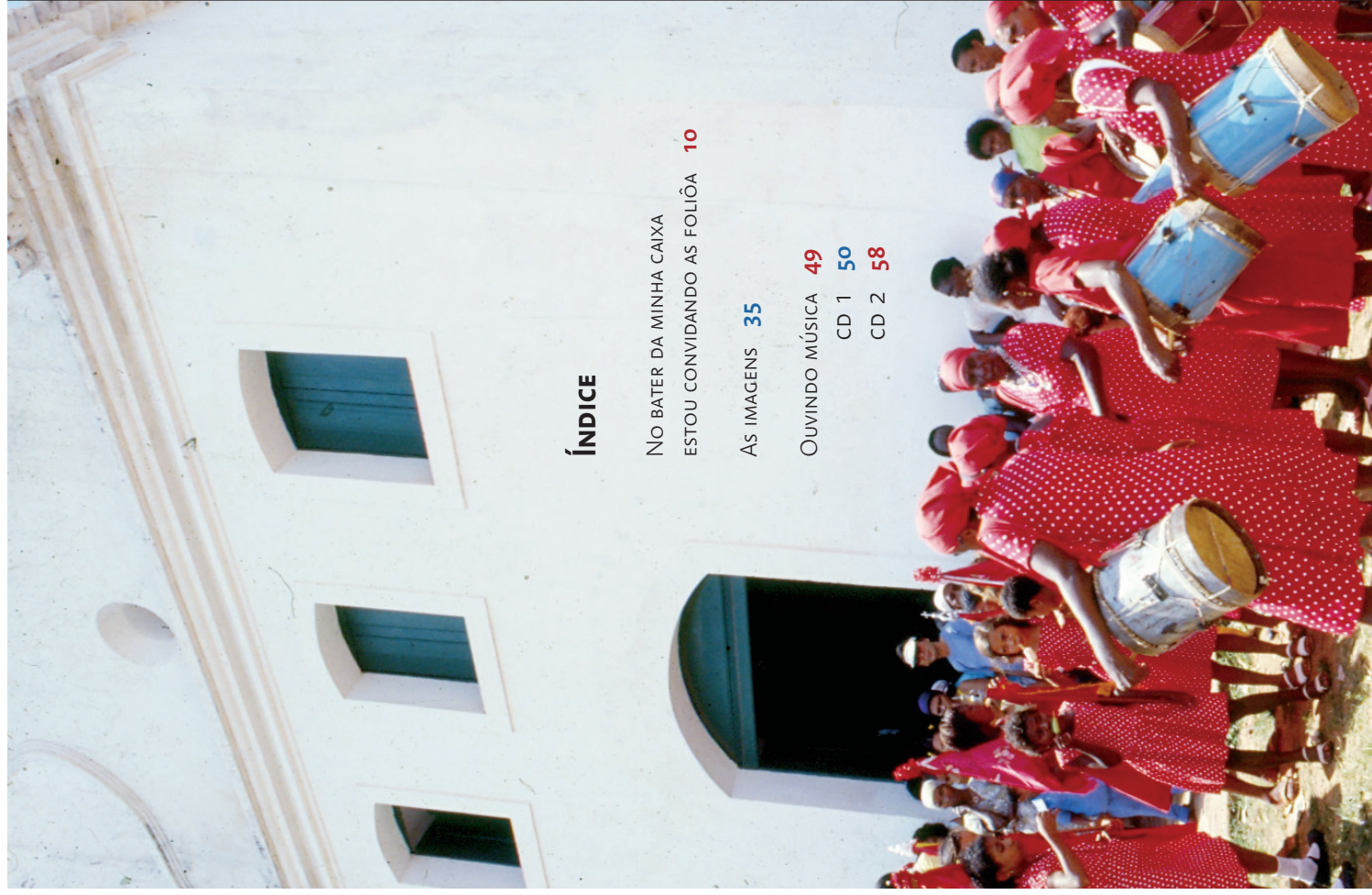
e Anica comentários e observações que ajudaram a deslindar o universo poético e musical dessa tradição complexa e cheia de sutilezas. Detentoras de amplo conhecimento sobre tal prática cultural, de origem coletiva e popular, mas permeável ao improviso e à criatividade individual, ambas se dedicaram a transmitir com afinc e sensibilidade, durante as gravações, a sabedoria que acumularam durante toda uma vida entregue à realização da festa.

Parte do material coligido foi selecionado e organizado, sendo agora lançado neste Cd duplo, *no bater da minha caixa estou convidando as foliões*, cujo principal objetivo consiste em preservar um rico legado cultural, expressivo da identidade cultural e sensibilidade artística alcantarense. Acompanhado os dois Cds gravados, foi adquirido um conjunto de fotos de autoria de Juvenal Pereira, que na década de setenta andou por Alcântara registrando imagens da Festa do Divino Espírito Santo e, mais especificamente, das Caixetas em atividade. Não apenas valioso do ponto de vista visual e estético, mas também bastante adequado aos propósitos estabelecidos por este projeto, uma vez que, diversamente da maior parte das fotografias que registram a participação das Caixetas como mais um elemento componente da festa – ao lado da figura da pomba, do mastro, das flâmulas e da multidão que ocorre ao cortejo –, as fotos que compõem o encarte destacam, em primeiro plano, a presença dessas mulheres-sacerdotisas (conforme expressão empreendida por Marise Barbosa) tocando tambores e cantando em cada uma das etapas do ciclo da festa.

Também celebrada em outros estados do país, no Maranhão a Festa do Divino Espírito Santo apresenta uma particularidade que a distingue: a liderança exercida pelas Caixetas na condução do festejo, pontuando cada etapa com regras próprias e cânticos específicos. Não obstante tal presença destacada, no momento restam em Alcântara pouquíssimas Caixetas em atividade, derradeiras depositárias das técnicas e conhecimentos do repertório. Dada a situação de risco em que as Caixetas se encontram, vulneráveis por limitações de saúde e idade avançada, torna-se emergencial a implementação de ações de salvaguarda que assegurem a continuidade desse importante legado, garantindo sua preservação, transmissão e divulgação em nível mais amplo.

A partir do material produzido, agora entregue ao público, uma primeira iniciativa na direção indicada, espera-se estimular o interesse e subsidiar futuras ações de salvaguarda que levem em conta os valores e significados dessa forma de expressão e as práticas culturais a ela associadas, na busca de um desenvolvimento sustentável ancorado no conhecimento e valorização do patrimônio cultural local.

Superintendência Regional
do Iphan no Maranhão



ÍNDICE

NO BATER DA MINHA CAIXA
ESTOU CONVIDANDO AS FOLIÃO **10**

AS IMAGENS **35**

OUVINDO MÚSICA **49**

CD 1 **50**

CD 2 **58**

*Anica (Ana Benedita Ferreira) e Malá (Marlene Sil-
va) cantaram aqui com as Bandeirinhas; Daniele de
Jesus Leitão, Danielle Rodrigues Pereira, Claudile-
ne Rodrigues Pereira.*

*Elas foram as intérpretes desse repertório construído
por muitas gerações de mulheres que as antecederam
como Caixeiras no Festejo do Divino Espírito Santo
em Alcântara.*

*Lembramos aqui o nome de algumas delas. Perpétua
Preta, Perpétua Lobo, Antônia, Minegilda, Ricardi-
na, Pedrolina, Cristiana, Benedita Lopes, Mautilde,
Oscarina, Ozima, Dora, D. Estela. Maria do Carmo,
Faustina, Raimunda Boró, Monquinha, Margarida
Araújo...*

*E ressaltamos a presença de outras Caixeiras que
chegam de Oitiua, Itamatatiua, Ilha do Cajual e de
São Luís. A Caixeira nova Eliane (Bolo Fofó) e as
Bandeirinhas que começam a tocar.*



no bater da minha caixa
estou convidando as foliôa

SANTINHA CONTA:

“Minha mãe aprendeu com a mãe, porque a mãe de mamãe era Caixeira também. A vó também. A vó-vó Mariana. Era Caixeira. Tinha a velha Dulinda, não sei se era avó, bisavó... era parentesco também. Era Caixeira. Mamãe contava assim. De lá ela morreu, ficou a velha Mariana, da velha Mariana ficou mãe Janova, que era mãe de mamãe, de lá ficou mamãe, e de mamãe ficou eu. Lauzira minha filha gostava muito. Eu deixei minhas Caixa lá, e nós toca de lata, mas quando ela ta de boas marés... Quando ela ta desempregada ou de férias, ela forma uma brincadeira lá, e nós vamos.”

Caixeiras são mulheres que há muitas gerações conduzem os rituais festivos para o Divino Espírito Santo no Maranhão. São as *Suas Sacerdotisas*. Importante destacar que a execução de tambores costuma ser ritualmente interdita às mulheres!

Os homens também podem exercer essa função, embora seja mais raro. Mas quando se trata do Divino em seu papel de *solador na hora da morte*, são os Foliões da Divindade que conduzem as belíssimas cerimônias de encomendas de almas, acompanhamento de enterros, visitas de cova em dia de finados ou aniversários de morte.

E no Maranhão tocar caixa para o Divino é profundamente associado às mulheres, uma prática socialmente reconhecida, com direito e incentivo ao aprendizado, às trocas, às viagens para tocar, à formação de grupos. E se perguntamos: Quando começou?



“ Ah! Quando cheguei nesse mundo, já achei... ”

Respondem invariavelmente com a expressão da oralidade. Elas conduzem os complexos rituais religiosos dos cultos festivos para o Divino, cantando e tocando caixas. Vem daí seu nome – Caixeiros, que as relaciona estreitamente à sua função de tocar esse tambor em particular, mas seu *ser* é inseparável do canto.

Os critérios de excelência são dados pela potência de sua expressão vocal, pois elas cantam com o som dos tambores do grupo. Sua afinação, a dimensão de seu repertório, os conhecimentos das sequências rituais, o saber ensinar e liderar o grupo são atributos que conferem a uma Caixeira a consideração e o respeito de suas companheiras. E com ele o papel mais importante na hierarquia do grupo: O posto de Caixeira-Mor, no caso de Alcântara, e Caixeira-Régia, nos outros festejos.

Em Alcântara, elas vêm de experiências comunitárias em quilombos e ou grupos familiares extensos, e essa sua origem dialoga com a construção coletiva dos rituais. Num processo circular e dialético, constroem a si próprias e ao seu modo de pensar, sentir, olhar o mundo, e se dedicam à sua devoção, sempre identificados com o compartilhar.

Tocam em momentos específicos e sua música é inseparável da função propiciatória dos momentos rituais.



QUE MÚSICA É ESSA?

Os TOQUES DE CAIXA do repertório do Divino são, em sua maioria absoluta, ternários ou binários compostos, ambos envolvidos com a expressão em círculo, e nos carregam para a experiência do tempo circular, mântrico.

O *Som e o Sentido, uma outra história das Músicas*, obra de José Miguel Wisnik, oferece suportes para compreender a dimensão, os modos de vida e o simbolismo presentes na música da qual as Caixeiros são, a um só tempo, herdeiras e co-criadoras.

O ritmo tocado na caixa guarda uma relação estreita com a organização silábica da palavra nos versos do poema. Não se trata de um encontro fortuito, pois ambos se sustentam em uma inter-relação sempre reiterada. Desse modo, os toques tornam-se a base para a ordenação do canto, e o canto para a ordenação do toque da caixa.

Há momentos do canto nos quais se estendem as vogais, que dançam sobre o pulso que se “mantém constante em suas variações” na sustentação daquelas notas estendidas, acentuando a dramaticidade da ambiência criada pela música.

Em outros momentos, o canto silencia, mas continuamos a ouvir o som majestático das caixas que prossegue soando naquelas pausas do canto, antecedendo um reencontro deste com a percussão. A ordem é restabelecida, retoma-se o ciclo, e “reafirma-se a presença da ordem”, que se desfaz e se refaz, se desfaz e se refaz... A presença de diferentes pulsos em um mesmo ciclo rítmico, a passagem por todos eles seguida de um reinício, oferece aos ouvintes uma sensação de ordenação do mundo, de uma respiração... *Compassada*, na linguagem delas.

Essa manutenção coletiva do ritmo nas caixas é, no entender de José Miguel Wisnik, “a experiência da produção comunal de um tempo, uma prática estranha à pragmática cotidiana no mundo da propriedade privada capitalista”.

Vem dele também o ensinamento que nos permite perceber que os ciclos rítmicos repetidos obstinadamente e tocados em uníssono, a ausência de outros instrumentos além das caixas, condicionam esse fazer musical das Caixadeiras à reiteração de uma igualdade em torno da devoção ao Divino.

O canto proporciona uma trama sonora densa. As melodias costumam se servir de notas estendidas, e as frases cantadas em terça compõem a textura conhecida e esperada para a música nessa festa.

A voz solo inicia o canto na linha melódica, e, às vezes, uma Caixeira canta na terça acima ou abaixo ao final da frase, tornando-a mais brilhante e preparando a chegada do coro. Este mantém aberto o leque formado pelas vozes, que vão se definindo e se resolvendo na trajetória.

Destaca-se a diversidade das formas de diálogo entre solo e coro. Comumente se alternam a voz solo de uma Caixeira, que às vezes improvisa, e o coro, que repete um ou dois versos ou canta um refrão.

Os versos que compõem o repertório ritual são usados em momentos específicos: No diálogo com a Santa Cróa, com os integrantes do Império do Divino, com outras Caixadeiras, saudando quem chega, cantando nas Alvoradas e nos cortejos, invocando proteções, cantando o feminino sagrado...



Esse vasto repertório de versos é mantido, construído e recriado por elas. Respeitando a estrutura formal, o estilo e a dinâmica ritual relacionados à festa, associam seu repertório de versos às melodias e *toques* disponíveis, engendrando, assim, um corpo musical com espaço para crescer com o improviso e a criatividade individual desse coletivo.

Elas formam um grupo restrito, com regras próprias para a inclusão, reconhecimento e rejeição de suas participantes através de códigos de conduta e exigências de conhecimentos específicos. Respeitadas pela importância de sua arte inseparável de sua devoção, realizam com criatividade e dedicação o seu trabalho.

TRABALHO? SIM, TRABALHO!

AS CAIXEIRAS FORAM AS GRANDES responsáveis pela construção da base material para a realização das festas e pelo fortalecimento das redes de devoção ao Divino Espírito Santo na região de Alcântara, antes dos anos 80 do século 20.

Empenhando sua devoção e vida pessoal a serviço dos festejos e dos festeiros, saíam durante vários meses por ano nas Falias do Divino recolhendo donativos – *esmolos* ou *jóias* – para os *Festejos Dele*. *Esmolando* no litoral (beira da costa), ou no interior (beira do campo), viajavam em grupos formados por Caixeiras, Bandeiras, Alferes da Bandeira, carregadores, animais de carga. Por esse trabalho recebiam o *ganho* ou *agrado*.

D. Raimunda Soares, Raimunda Boró, antiga Caixeira-Mor do festejo em Alcântara, fala de sua experiência.

“

Tempo de festa festeiro dava. Dava desde o calçado. Roupa, calçado, comida, tudo tinha! Tudo à vontade! Inda hoje é a mesma coisa! Caixeira ganha. Ganha comida, dorme na casa de festeiro. ...quando termina a festa, o ganho! ...Graças a Deus!

Tu já vai, Tu já me deixa... beim beim beim!

Nesta triste solidão beim beim beim!

*Se tu não me veres mais beim beim beim!
consolai teu coração...*

Ah! Isto tudo eu cantava minha senhora! Tempo de nova! Senhora, ganhava era agrado como quê! Nun-



ca tive o que dizê! Inté hoje sou querida de muitas família. Da minha cor, branco, homens e mulheres todo mundo me quer bem. A gente saber viver com todo mundo é que é...”

Tudo o que o Divino ganhou através dos festeiros e tudo o que foi comprado deve ser usado e distribuído para todos os que participam da festa. O que costuma acontecer na forma de fartas mesas de doces, bolos, chocolate quente. E ao final do festejo, hora do *ganho* ou *agrado* das Caixeiras.

De acordo com um costume antigo, os (as) festeiros (as) dividem com as Caixeiras as sobras do que ganharam ou compraram e não foi usado na festa: Farinha de trigo e de mandioca, latas de óleo, refrigerantes etc. Do mesmo modo, são *agradados* os vestidos e os sapatos, o alimento e as bebidas consumidos durante a festa e a recepção privilegiada das suas famílias e amigos, na mesa destinada às Caixeiras no tempo do festejo. Cada uma das Caixeiras volta para sua casa com alimentos e algum dinheiro.

Tocar na festa é, também, uma das formas de prover sua sobrevivência material e social. Seu trabalho e sua devoção fazem parte de um sistema de trocas que orientam o modo de vida que elas conhecem. Esse sistema envolve uma teia de relações entre indivíduos e grupos, e se constitui num princípio ético, herança do sistema universal que envolve a economia moral e o direito natural, profundamente explicitados por Marcel Mauss em *O ensaio sobre a dádiva*.

Caixeiras sempre têm sua origem nas classes sociais de baixa renda. Em Alcântara, elas fazem parte da realidade de idosas que sustentam famílias inteiras com aposentadorias como trabalha-

doras rurais ou por idade. Pode-se inferir que o *ganho*, ou *agrado*, tem uma grande importância para o seu viver e sobreviver, para a manutenção de seus corpos, depositários de seu conhecimento.

Sr. Heidimar Marques, alcantarense de família antiga, é profundamente ligado às tradições e personagens da cidade. Conheceu D. Benedita Lopes, Caixeira conhecida por sua capacidade de improviso no diálogo com as situações com que se deparava.

“*Eu a conheci como Caixeira mesmo. Como tipo uma profissão... Antigamente as Caixeiras durante o ano se ocupavam da festa.*”

Marques relata que há mais de 30 anos, era uma grande honra receber e hospedar a folia que andava *esmolando* para a Santa Crôa. Essa honra se manifestava frequentemente na generosidade das *jóias* ofertadas, mas não só.



As folias com as Caixeiras eram esperadas pelos devotos que pagavam suas promessas ao Espírito Santo oferecendo a *Suas* Sacerdotas e ao grupo as jóias, um jantar ou o *pouso*, a organização de bailes, ladinhas. Às vezes, encarregavam-se de levar ou de mandar levar a carga na volta de sua viagem, emprestando ou doando um cavalo para essa tarefa. Construíam, assim, uma rede de relações sociais apoiada em dádivas e *esmolos* que, com a presença das Caixeiras, são conectadas aos princípios de justiça e distribuição presentes no culto do *delicado Deus*, representado pela Pomba Branca.

Heidimar Marques nos relata, também, a sua experiência de fazer uma festa como Imperador, destacando o papel das Caixeiras e das folias como uma das fontes de financiamento da festa:

“*Elas cantavam o dono da fazenda pedindo a jóia para Espírito Santo. Ai ganhavam muitos bois! Não compravam como hoje compram!*”

...Elas esmolavam no interior, no meio rural. Saíam setembro, outubro, novembro, e iam chegar aqui mais ou menos em dezembro. Elas iam às fazendas pedir donativos de bois e ganhavam...

Elas tinham permissão dos vigários para esmolar por São Bento, Pinheiro, para esmolar nas outras cidades... Esmolavam mais ou menos três meses, e não podiam ter outro trabalho...

Na aleluia. Depois da aleluia, esmolavam na costa. Esses lugares que ficavam no litoral. Esmolar na costa demorava mais ou menos um mês. Voltavam

e já era hora da festa. Descansavam aí uns dois meses e voltavam a esmolar. »

Como Sacerdotisas, elas exercem uma função ritual e profissional estreitamente conectada com sua devoção e compreensão da partilha e do compartilhar.

Compreensão que se explicita pela observação de D. Margarida Araújo sobre o Mastro do Divino, no festejo de 2000. Ele havia sido enfeitado com cachos inteiros de banana, cocos, garrafas de vinho, numa imagem da abundância associada ao Culto do Divino. No decorrer dos dias, as frutas se estragaram sem que tivessem sido distribuídas às crianças como de costume.

“Porque isso aqui já ficou do começozinho da festa, entendeu? É uma mostra de como essa festa tem de ser tratada por todos! Não é só como Caixeira, Ban-deira, músico... Tem de ser de todos!

O Santo tira e ganha. Quer dizer, o que ele tira, se chega na minha casa, eu dou. Em todas as casas o povo dá, você dá, isso não é para os festeiro ficar não! É pra dar! Ao povo! Ele necessita! Isso ali é uma amostra...

Se chegou e não tem nada, tem uma banana aqui, e aquela pessoa come, é coisa de Deus, o Espírito Santo do céu fica contente de ver! »

As dádivas foram, durante muito tempo, um importante suporte material para a realização dos Festejos. Sr. Heidimar Marques nos ensina sobre sua experiência como festeiro.

“As pessoas no meio rural acolhiam, e hoje nem adianta mandar ao meio rural! Você tem muito mais despesas do que donativos. Muito mais! Pessoas que pediram para mandar em Otiua, um dos melhores lugares de Alcântara, paguei umas dez vezes mais do que elas trouxeram.

E dantes as pessoas faziam questão de hospedar essas Caixeiras. Para hospedar três bandeiras, três Caixeiras, um bandeiro dois carregadores, hoje seriam assim uma dez pessoas! Eles ficavam hospedados em uma casa e esmolavam ao redor. Era uma honra hospedar a Santa Crôa! »

Nas estradas, o som do batuque anunciava sonoramente a chegada da folia, e o grupo se destacava na paisagem pelo apelo visual de uma enorme bandeira vermelha. Os devotos recebiam o Divino, a Santa Crôa e o Estandarte em suas casas e com eles percorriam todos os cômodos, abençoando-os, *espantando o medo*.

As viagens eram um campo aberto com muitas possibilidades. Os roteiros das folias podiam ser orientados por rivalidades entre as localidades visitadas, o que privilegiando e aprofundando as noções de pertencimento, ressaltava a diferenciação entre elas.

Os encontros entre os grupos de Caixeiras viajando com as folias pelas estradas, hoje mais raros, eram uma das arenas dessa disputa. Suas armas, o diálogo em versos improvisados. Um relato:

“Quando a gente se encontra, um batuque com outro, e eu sei jogar um verso pra outra que, se souber voltar pra mim, nós tamos garradas, e aí nós vamos batucar...

Uma vez nós fomos aqui pro São Bento, e quando nós chegamos lá eles disseram: “Tem uma muito boazona, ali e tal”. E aquela gente lá, e elas (refere-se às suas companheiras) andavam só se escondendo lá pra ver se num garrava, e eu disse logo:

“Vamos ver quem é que prende uns os outro nos verso pra nós se sortá logo?” Margarida disse logo: “Pra essa eu não vou!”

E eu disse: “Vambora, que a gente tem que se botar de qualquer coisa que a gente resolve!”

A presença de uma grande cantora que sabe improvisar, uma repentista, instiga a competitividade. Considerando que a outra estava de *despique*, sente-se desafiada e se prepara para a disputa.

“Nós fomos sentadinha lá, e a bichinha foi correndo, e eu fui cantando pra ela, e ela foi embora, e eu fui cantando, e ela foi embora, e fui cantando até que ela caiu fora! Quer dizer que ela não firmou comigo. Se ela tivesse firmado, ela tinha ficado... mas ela caiu fora, ela não ficou.”

A outra “não firmou”, não conseguiu responder com precisão aos versos de Santinha.

D. Raimunda Soares, conhecida como Raimunda Boró, antiga Caixeira-Mor em Alcântara, lembra pela população que frequenta o Festejo como figura lendária, com voz bela e posante, nos relatou a sua experiência numa entrevista em Junho de 2000.

“Saí muito por esse mundo de meu Deus, esmolando pra Santa Crôa. Só tocava pra Imperador e Imperatriz, Mordomo Régio, Mordoma Régia, buscar o boi, dia das esmoladas... Conheço Pinheiro, S. Bento Novo, Carmo, Guimarães, Cabiceira, Cajapió, Farol de Itacolomi, Farol de S. Marcos, Ponta da Areia. Por aí tudo eu andei no tempo de nova... Nunca dei desgosto pra meus Império, todo mundo me quer bem. E Santa Crôa.”



As distâncias a que ela se refere são grandes, separam municípios e crescem, se levamos em conta que todo o percurso era feito a pé. Elas relatam que naquele tempo os caminhos eram sombreados e bonitos, sem agressões ou assaltos. A atual Caixeira-Mor, Marlene Silva, detalha um pouco mais estas viagens.

“Chama-se beira do campo onde tem as fazendas Ba-curituba, São Bento, esses lugar. A gente ia tirar es-sas jóia mês de agosto. Passava dois meses, mês e meio, só tirando jóia. Ganhava muito boi, porco, pato, galinha. Ganhava muita jóia.

Depois, a Aleluia (fim da quaresma) se passava sete, oito dias aqui. Beira de costa se chama é aqui. O redor de Alcântara mesmo aqui que é mais perto. Que é os interiô que a gente ia por ali pra tirar mais uns ovos, essas coisas que era pra perto da festa.

O santo ganhava boi. Era difícil mordomo comprar boi pra matar, pra dar a comida, pra dar as esmoladas pros velhos. Hoje tudo é comprado, porque nunca mais a gente pôde ir pra beira do campo...”

Devotos de diferentes classes sociais constituíam a rede que sustentava a festa. Alguns podiam ofertar bois e outros, ovos, irmanando-se nesta igualdade momentânea, sustentação ideológica dos cultos festivos para o Espírito Santo.

Viajar *esmolando* para o Divino durante meses exigia que a vida particular dessas mulheres estivesse inteiramente voltada para suas funções de Caixeira, e note-se que durante estas viagens, seu ganho se restringia à sua manutenção pessoal. O sustento de sua família durante o tempo no qual estavam *esmolando* para a Santa Crôa era uma grande preocupação; exigia negociações com os festeiros e, frequentemente, o apoio de sua família ampliada, sua comunidade.

E quando estavam em suas casas, ocupavam-se de outros trabalhos, como nos ensinou D. Raimunda Boró.

“*Trabalhei na roça, trabalhei em salira, trabalhei em renda, trabalhei em varanda, em rede, tudo eu fiz na minha vida... Trabalhei foi muito minha branca! No tempo de nova trabalhei como homem! Trabalhei em lavagem de roupa, de ganho na Mirititua...*”

E neste tempo não tinha água encanada, ia se buscar água na Mirititua, e era lavá!... ”

O Sr. Heidimar Marques nos relata sua experiência:

“*Dantes as pessoas para ajudar a cozinhar na casa da festa, pra ajudar a buscar donativos, faziam de graça para o Espírito Santo.*”

Se ia apanhar cocos para Espírito Santo, vinha aque-la porção de cocos!

Lenha nas esmoladas... O batuque, como se chamam as Caixeiras, ia receber no Porto. Vinha cada uma com feixe de lenha, e era muito alegre isto!

Hoje as Caixeiras não ajudam mais na casa da festa. Elas varriam a casa, tudo fazia parte de uma devoção... ”

Um projeto de emancipação é previsível e esperado, diante da reduzida autonomia de que dispõem para transformar suas vidas frente às circunstâncias cristalizadas pela rede de relações sociais da qual fazem parte.

Elas desenvolveram, ao longo do tempo, táticas com as quais puderam construir o seu espaço próprio como Caixeiras conduzindo musical e cerimonialmente os rituais e não como trabalhadoras na rotina da casa de festa.

“*Nós num temos obrigação. Nós temos obrigação com a nossa caixa, que é todo dia que nós bota no ombro e sai. Esta que é nossa obrigação. Por acaso, nós tamos esmolando, chegá aqui pega uma vassoura, vai varrer, louça pra lavá, não! Não temo esta obrigação não!*”

Os festeiro quiriam que a gente fizesse isto, quando chegasse cansada como nós chega, cabasse de cumê já pulasse ni coco pa ralá... elas quiriam isso, mas eu nunca me assujeitei... ”



OS FESTEJOS

A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO Santo chegou ao Maranhão no início do século 17 com os colonos açorianos, levados com o objetivo de formar a população branca do lugar.

Compreendida como uma festa especificamente portuguesa, foi ressignificada pela mistura das populações que ali viviam, chegaram ou para lá foram levadas, incorporando outros sentidos e musicalidades. Em nenhum outro lugar esse culto festivo dialoga com as religiões afro-brasileiras como no Maranhão.

Trazemos novamente a palavra de D. Margarida Araújo, descendente de uma família de Caixeiras do Cajueiro, antigo quilombo na região, hoje deslocado para uma Agrovila pela construção do Centro de Lançamento de Alcântara. Vem de lá essa formação sobre as origens da Festa, seus ritos e cantos:

“ Aquilo é desse pessoal, daquelas pretadas velhas, antiga, escrava! Isso é do tempo da escravatura! E nesse tempo, era elas quem mandava nessa festa. Era elas e os homens! Aqueles preto escravo, tudo era quem sabia tocar! Era quem tirava esses cânticos, esses toque, eles era quem fazia! Por uma dessas é que hoje, em São Luis, não tem o toque igual o nosso e nem o nosso é igual ao deles! ”

Os Festejos do Divino são rituais do catolicismo popular e costumam ter nas promessas o motivo central de sua existência. Com o objetivo específico de celebrar o Espírito Santo, estão circunscritos ao espaço-tempo dessa celebração. Esse fato permite que, no Maranhão, os festejos dialoguem com diferen-



tes estruturas religiosas. Estão nos calendários de festas dos Terceiros de Tambor de Mina, Umbanda e Candomblé, além de algumas Paróquias e casas particulares.

Em Alcântara, os festejos do Divino estão relacionados ao dia de Pentecostes “que foi o dia depois do sétimo sábado após a Páscoa” (Êxodo 23:16; Levítico 23:15-22).





O PROGRAMA

DESCREVO AQUI UMA SEQUÊNCIA de momentos do festejo durante os 13 dias da festa que se encerra no Domingo de Pentecostes. Este roteiro costuma se repetir todos os anos sem variações significativas, e tem a presença das Caixeiros conduzindo todos eles.

- 1º DIA**
15 HORAS Cortejo do Mastro da Imperatriz ou Imperador. Praia do Jacaré até a Praça da Matriz – Levantamento do Mastro
- 2º DIA**
9 HORAS Quinta Feira da Ascensão. Missa solene na Igreja de Nossa Senhora do Carmo e passeata pelas ruas de Alcântara até a Casa do Divino
- 15 HORAS Prisão do Imperador aos Mordomos
- 3º DIA**
15 HORAS Cortejo do Mastro do Mordomo Régio. Saída da Cavalela até a Praia do Jacaré
- 4º DIA**
19 HORAS Ladainha. Igreja de N.S. do Carmo
- 20 HORAS Visita do Mordomo Régio ao Império

- 5º DIA**
9 HORAS Domingo do Meio – Missa Solene. Igreja de N.S. do Carmo
- 21 HORAS Visita do Império aos Mordomos
- 6º DIA**
19 HORAS Ladainha. Igreja de N.S. do Carmo e visitas de Mordomos ao Império
- 7º DIA**
19 HORAS Ladainha. Igreja de N.S. do Carmo e visita de Mordomos ao Império
- 8º DIA**
19 HORAS Ladainha. Igreja de N.S. do Carmo e visita de Mordomos ao Império
- 9º DIA**
19 HORAS Ladainha. Igreja de N.S. do Carmo e visita de Mordomos ao Império
- 10º DIA**
15 HORAS Subida do Boi
- 19H30 Ladainha. Igreja de N.S. do Carmo
- 21 HORAS Visita do Império aos Mordomos
- 11º DIA**
15 HORAS Distribuição de Esmolas com cesta básica aos idosos
- 19 HORAS Ladainha com presença do Império e Mordomo. Igreja Nossa Senhora do Carmo
- 12º DIA**
9 HORAS Domingo de Pentecostes – Missa Solene na Igreja N.S. do Carmo
- 10 HORAS Procissão do Divino Espírito Santo. Ruas de Alcântara
- 16 HORAS Leitura do Pelouro
- 13º DIA**
9 HORAS Entrega dos Postos aos novos festeiros



A cerimônia de Entrega dos Postos aos novos festeiros é realizada por um cortejo de Caixeiros e Mestres-Salas em visita ritual a cada um deles, e acontece na segunda-feira que se segue ao Domingo de Pentecostes, encerrando o festejo.

A partir desse momento, elas voltam para suas casas nos *interiores*, ou na periferia de Alcântara. Será, então, final do mês de maio ou início de junho; trata-se de uma data móvel. Note-se que terão se passado 49 dias do Sábado de Aleluia até a véspera do domingo de Pentecostes. Esta é uma palavra grega que se traduz por quinquagésimo dia.

O RECOMEÇO. OUTRO PONTO NO CÍRCULO

QUANDO SAÍAM NAS FOLIAS, o período de afastamento entre as Caixeiros e a estrutura da festa era menor. Após um breve descanso, deixavam a cidade na madrugada do dia 24 de agosto, dia da Assunção de Nossa Senhora, e voltavam a *esmolar* na beira do campo.

Atualmente elas voltam a tocar no sábado de Aleluia do ano seguinte, abrindo o tempo de celebração ritual com os toques de caixa, realizada com uma ladainha na igreja. D. Margarida relata:

“*Porque pela Aleluia, tem um festejozinho. Tem a missa às 10 horas da noite, e quando termina, na casa do festeiro tem aquele negociozinho... só mesmo o doce, a bebida, tudo...*”

Quando a gente vai pra igreja num vai com o toque, agora, quando a gente volta, vem com o toque da Caixa. ”

A partir da permissão ritual para o tempo de celebração e, portanto, para tocar as caixas, inicia-se na cidade, o trabalho das Caixeiros; os pedidos de *esmola* e as primeiras visitas cerimoniais entre os Mordomos e o Império do Ano, que se repetirão durante todo o festejo.

A MEMÓRIA, AS MEMÓRIAS

UMA PERDA ABSOLUTA DO REPERTÓRIO acontece com a morte de muitas mulheres Caixeiros. A isso se alia a redução do prestígio de sua função, que se desdobra no desinteresse de outras mulheres em seguir seu caminho, entre elas as mais jovens.

Esse processo resultou, ao longo dos anos, na presença das Caixeiros *dos interiores*; Cajueiro, Oitiua, Itamatatua, Ilha do Cajual e outras ainda da capital, São Luis, tocando no festejo da cidade. O encontro dessas diferentes experiências costuma ser uma das razões alegadas para a perda de um repertório musical e ritual particular, de Alcântara, ao longo dos anos.

A defesa de um *sotaque* uma expressão particular, ressalta o uso simbólico da música como lugar do pertencimento, da expressão cultural sustentada por relações sociais específicas. D. Margarida nos disse em depoimento no ano de 2004:

“*Esses cânticos nosso aqui até já mudou mais! Porque eu, quando me entendi, esses cânticos daqui dessa festa do Espírito Santo era uma coisa muito linda! Agora não sei o que teve que elas foram perdendo... Aquelas mulheres Caixeiros antigas foram morrendo... entendeu? Foram ficando aque-*”



las... E uma caprichava... Vamos fazer tal toque assim, assim?

Outra já dizia: Ah vamos deixar desse toque que é triste, faz lembrar de fulana... »

O COTIDIANO DO NOSSO PROCESSO DE TRABALHO

LEMBRA ANICA:

“Perpeta Preta, Perpeta Lobo, Ricardina, Ana Tar-
cila, Estela, Mautilde, Benedita Lopes... Minegilda,
Monquinha, Pedrolina. Depois que minha mãe mor-
reu, elas ficaram. Ela era Caixeira-Mor, Paula
Ferreira. »

Diz Marlene:

“Tem várias que eu me lembro. D. Ricardina, Osca-
rina D. Perpeta. D. Antonia, Ozima, D. Raimunda
Boró, D. Cristiana, D. Estela. Maria do Carmo,
Faustina, D. Margarida. Conheci todas essas que já
morreram, conheci enquanto eu cresci. »

Ana Benedita Ferreira, a Anica, e Marlene Silva, a Malá, as duas
Caixeiras ainda vivas da cidade de Alcântara, participam desse
trabalho como as atuais depositárias da memória e repertório
musical ritual de gerações de Caixeiras. Mais que testemunhas
oculares, elas participaram do cotidiano de preparação dos fes-
tejos com muitas outras que já morreram, e esta realidade lhes
concede o lugar de bibliotecas vivas.

Com a compreensão que a memória refere-se a pontos de vista
distintos e pessoais e é um processo de construção e ressignifi-
cação da própria história, não procurei narrativas idênticas, pas-
síveis de comparações e cotejamento com dados imutáveis.

São as experiências pessoais que orientam esses depoimentos.

OS DIAS

“Hoje é quinta, amanhã é sexta. Você vai observar-
do... segunda, terça, a diferença do vento. Justa-
mente é a diferença da quebra da maré. O vento
vai diminuindo mais. Ela (maré) quebrando é na
vazante.

De tarde o vento quebra mais... do jeito que ele ta...
Daqui a uns dias o vento quebra mais.

A gente toma banho é com a maré vazante que vai
levando tudo quanto não presta!

A enchente vem trazendo a beleza pra gente. É far-
tura, é saúde, é tudo! E a vazante vai levando pro
mar... assim é que é!

O Divino é nosso Deus e sabe mais do que eu... »

Anica me ensinava tudo isso enquanto ouvíamos o som do ven-
to trazido/trazendo a maré grande do mês de outubro. Procura-
vamos o momento propício para as gravações e não havia outra
saída. Foi preciso respeitar o tempo do vento.

Eu escolherei a vizinhança delas para morar e trabalhar, e ali montei o estúdio e minha vida naqueles meses de outubro a dezembro. A escolha de um processo intimista afastava, por princípio, a presença de um outro profissional.

Operei o equipamento portátil para gravação de som em campo; uma placa MOTU828 e um pré-amplificador Behringer ADA8000 conectados ao meu notebook Mac G4. Nele rodava um programa Cubase, onde fiz a captação usando microfones Samson CO2 para as vozes das Caixeirosas, Shure Beta57 e Beta58 para as caixas. Os microfones foram conectados ao pré-ampli usando cabos Santo Ângelo e conexões Neutrik. O Ponto de Cultura da Casa Fanti Ashanti emprestou os pedestais para os microfones.

A voz das três Bandeirinhas foi gravada com os Samson em figura 8, captando suas vozes na ambiência. Procurei reproduzir a relação entre as vozes delas e as das Caixeirosas durante os cortejos na rua, quando guardam uma distância que lhes permite ouvir os versos e respondê-los, mas em segundo plano.

Construímos um pequeno altar no nosso estúdio, sacralizando e demarcando o espaço de trabalho. Uma cantora recebeu a Santa Crôa toda enfeitada que Marlene levou. As Caixeirosas antigas estavam presentes, trazidas pelas lembranças de Anica e Marlene.

Encontrávamo-nos três vezes por semana. Elas chegavam, invariavelmente se dirigiam ao Divino Espírito Santo e o cumprimentavam com intimidade. Contavam e comentavam com Ele fatos de seu cotidiano e pediam *Sua* ajuda para refrescar a memória.

olha só!
olha o que ela tem!
como essas fotos
foram parar aí?



AS IMAGENS

E ESSE LUGAR AO QUAL Marlene se referiu, esse lugar *aí* onde as fotos tinham ido parar, era a tela do meu computador. Surpreenderam-se com o fato de eu ter acesso àquelas imagens cuja existência desconheciam, embora tenham sido feitas há quase 30 anos, e elas estejam entre as mulheres fotografadas.

Eu havia escaneado fotos de Caixeiras na festa da cidade em diferentes situações e as incluí no trabalho. Seus comentários nos nos levariam a conhecer uma outra dimensão daquele universo trazido por sua memória e expresso em sua fala. Teríamos as cores, paisagens, rostos, sorrisos, olhares, poses, cenários, ambientes, relações.

Essa Ação de Salvaguarda incluiu a procura específica por fotos antigas que privilegiassem as Caixeiras, e não o conjunto da festa, este já muito presente em outros trabalhos. Este recorte nos levou ao trabalho do fotógrafo Juvenal Pereira, residente em São Paulo, que foi ao Maranhão conhecer a Festa do Divino em Alcântara, no ano de 1979. Seu trabalho revela a cidade que se volta inteiramente para o Festejo e ele fotografou as Caixeiras em seu cotidiano, dos cortejos de visita, pedidos de licença, *esmolando*. Imagens que permitem devolver às Caixeiras, à população da cidade, uma parte da memória dos festejos.

O Iphan adquiriu as fotos que estão publicadas aqui, e Juvenal Pereira doou outras para compor esse acervo de memória das Caixeiras. *Devolveu a elas*, diz ele.

As observações de Anica e Marlene dão corpo à dimensão das informações trazida pelas imagens.



MARLENE: Esta é Monquinha, irmã de Margarida. Quando Margarida veio tocar caixa aqui em Alcântara ela já tocava. Morava no Caieiro. Onde também moravam Minegilda, Pedrolina...



ANICA: Raimunda Boró! *Pra beber vinho era perigosa! Bebia uma garrafa inteirinha e não se embriagava! E a voz? Beleza! Ela nunca teve problema com a voz. Nunca teve! Voz limpa. Era fina, né? Mas limpa! Nenhuma dessas Caixeiras que já foram, nunca ficava rouca. Cantava muitos dias! Mas também tinha muitas e elas ajudavam umas às outras.*

MARLENE: Raimunda Boró *foi uma pessoa muito fantástica! Gostava de cantar, gostava de tocar. Tinha uma voz muito bonita... A gente aprendia com as outras, mas as outras se foi e ela ficou. Era Caixeira mesmo. Gostei demais dela... Não tinha preguiça de tocar, de ensinar, mas com ela bandeira tinha que cantar! Senão ela já ficava braba... Batia a baqueta na cabeça! Mas depois a bandeira vinha e abraçava ela... Mas ela tinha paciência com a gente.*

Como você pode reconhecê-la? Pergunto.

ANICA: Reconheço por causa do amarramento no cabelo e da vorta (colar) que ela botava assim... Conheço ela de todo jeito. Do corpo, da altura, do jeito de amarrar o cabelo, do jeito que ela tá com a mão na boca e a vaqueta desse lado.

MARLENE: Essas Caixeiras *era as lavadeira... As Caixeira da festa do Divino era as lavadeira pra aquelas pessoas que diziam mais assim... que tinha um troquinho, né? Elas iam pra Mirritiua lavá... Os pais da gente vivia era mais de roça.*

ANICA: E tinha era fartural! *Tinha a carne, tinha o peixe, de tudo tinha.*





ANICA: Eu e Raimunda. Nós fomos buscar o Mastro e deixemos na praia, na rampa. Porque vão buscar no mato – na Baixa –, e traz pra praia. Isso o do Império. Depois é que vai buscar o do Mordomo Régio. Esse fica aqui em cima... pra fazer a passeata pra poder enterrar. Faz a passeata tocando e os músicos acompanhando.

O do Império é quarta feira e o do Mordomo Régio é na sexta. Quando me entendi a gente ia buscar o Mastro era de pés. Hoje tem que ir buscar mais longe, usam carro. Seu Liene é quem tira e enfeita. Ele já é encarregado. Quando é quarta feira ele desce pra botar a murta. Na sexta a mesma coisa.



ANICA: *D. Antônia a da frente e de traz é D. Ozima. A gente conheceu assim, mas não sabe o título dela completo. Conheci tocando a caixa e tirando esmola. Ozima tinha um filho que também era cargueiro. Ele viajava e era carregando roupa e coisas que nós ganhava...*

E todas elas moravam ali naquela rua onde fica o primeiro mercado... Ali nas Mercês! Na mesma rua de Raimunda Boró. Onde morava Cristiana que é a mãe da Dora, que também era Caixeira... Maria do Carmo, Faustina...

Elas já morreram depois de D. Ricardina, Tacília, Perpeta, mas antes de D. Raimunda Boró. E elas eram da mesma idade. Antigas...



MARLENE: *Olhe que eu to achando que é Santana... Melhor músico que vinha. Ele dirigia todos os músicos que vinham para todas as festas. Ele foi transferido e nunca mais ele veio tocar em Alcântara. Hoje ele já é aposentado. Todos eles são policiais. Tinha também o Amaral que também nunca mais veio. A Caixeira de azul é Ozima e a de branco com cabeça amarrada é Antônia.*





ANICA: *Essa do meio (de costas) é Madalena que tá ajudando. Aqui é Margarida (de frente, de vestido azul claro). Aqui é Marlene (esquerda).*

MARLENE: *Essa do lado (esquerda) é Anica a de cá (direita) é Cristiana. Ela morava ali nessa mesma rua onde morava Antonia, Ozima. A filha dela ainda mora lá... Essa do meio é comadre Monquinha. Cada equipe tinha uma qualidade de roupa, pano na cabeça. Cada festa tinha as Caixeira e antigamente todo mundo de branco na quinta feira da Ascensão. Domingo do meio era azul e domingo do Espírito Santo, antigamente, quando me entendi era rosa e desse rosa ficou vermelho. Depois que uma senhora, D. Benedita fez a festa e botou o encarnado.*





MARLENE: Pedrolina, Monquinha e Antônia que tinha uma barriga
trepada aqui assim...

Esse aí é o domingo da festa.

MARLENE: *Aqui é Raimunda, que sempre gostava de botar essas estrelas cheirosas no cabelo. E ela tá falando com alguém. Ela tava naquele casarão ali... onde Zinha, que ela gostava de ficar lá. To achando que é lá... Zinha mandava buscar ela pra ficar lá e quando turista chegava ela contava as coisas dela, da festa... Mas pode ser na frente da Casa do Divino. E tu tá em pé do lado dela (comenta com Anica) olhando pra frente e rindo com a mão nos quarto e com as vaqueta na mão.*



MARLENE: *É Minegilda que está presa e foi as pequenas! Ela, Mon-quinha e Margarida eram irmãs.*



MARLENE: *Elas tão esmolando. Tem os dois batuaques juntos... E desse*

mesmo jeito se ia cantando na beira do campo ou beira da costa, perto do mar.

ouvindo música

ESTE REPERTÓRIO ESTÁ ORGANIZADO em grandes temas:

Esmolando, Viajando e chegando a uma casa, Salvando, Levantando o Mastro, Prendendo os Mordomos, Visitando, Levando o Império para a Coroação na Igreja, Entregando os postos aos novos Mordomos. As diferentes cantigas, combinadas dinamicamente, compõem o diálogo com a divindade em cada momento ritual.

A transmissão do seu conhecimento no preparo das Bandeirinhas e também das Caixeirolas novas se dava nos ensaios. Esses podiam acontecer na calma dos espaços domésticos ou nas ruas e estradas, durante os cortejos e viagens para *esmolar*. Nessas ocasiões elas aprendiam e praticavam os toques nas caixas, o canto do repertório e sua estrutura de perguntas e respostas, a prontidão, a expressão vocal, o improvisado.

Nestas gravações, quando alguns cantos soam *discursados* pode-se ouvir suas observações e orientações.

E aqui temos um pouco de tudo isso.

CD 1

encosta costa com costa
ora é aiáa

com nossa vida só Deus (bis)
refrão

Deus nos dá muito bom dia
bom dia eu venho dar
dê bom dia Espírito Santo
no lugar aonde está

eu quero assubir ao céu
pela fita da bandeira
eu quero tomar a benção
pra nosso pai verdadeiro

refrão
[toca a caixa minhas Caixeira
ora é aiáa
que são horas de salvar (bis)]

quando eu to mais a Anica
ora é aiáa
que Anica tá mais eu (bis)
refrão



de correr venho cansada
de cansada me assentei
para em frente ao altar
para o Divino se assentar

Esmolando

AI DEUS, AI MEU DEUS

refrão

[ai Deus, ai Deus, e ai Deus
e ai meu Deus, e ai Deus
e ai meu Deus, ai meu Deus, ai] (bis)

na entrada deste sítio
logo dei uma topada
abalou uma roseira
que nunca foi abalada
na entrada deste sítio
deu um ar tremeu a terra
recolheu-se nas estrelas
saiu o sol na janela
senhora dona da casa
como está como passou
como está sua família
que a minha boa ficou
senhora dona da casa
licença nos queira dar
dé-me licença que eu entre
no seu rico Tribunal

Santa Crôa saiu de Alcântara
cansadinha de avoar
na casa dessa senhora
ela veio se agasalhar

AJOELHEI MEU DEUS

eu fui no céu jogar com Deus
(ajoelhei meu Deus)
ai na mesa da comunhão (ajoelhei
meu Deus, ajoelhei)
ai Deus ganhou a minha alma
(ajoelhei meu Deus)
ah eu ganhei a salvação (ajoelhei
meu Deus, ajoelhei)
a salvação que vós ganhou
ai mas não é para vós só
ai arreparta com as Caixeiros
ai junto com a Bandeira Mór

graças a Deus para sempre
aqui tornamos a voltar
com o mesmo Pombo Divino
e da glória celestial
ai eu plantei um pé de cravo
ai no pé da rosa abricó
ai resplandeça Espírito Santo
ai naquele dia maior

naquele dia maior
se sortou-se um Pombo Branco
ai foi-se achar ele no céu
ai domingo de Espírito Santo
ai vai subindo para o céu
ai duas estrela brilhando
ai é a Virgem mãe de Deus
ai com a Crôa de Espírito Santo
ai a Crôa do Espírito Santo
quando não é de ouro é de prata
ai quem festeja Espírito Santo
ai não é branco, é mulato
ai o senhor que deu a jóia
ai Deus lhe pague Deus lhe ajude
ai o Divino Espírito Santo
ai lhe dê vida e saúde
ai pra favorecer os pobres
e também os inocentes

QUANDO DEUS ANDOU NO MUNDO

refrão

[quando Deus andou no mundo
São Pedro também andou
São Pedro era um servo
servo de Nosso Senhor]

refrão
chaga divina valei-me
pelo amor de Deus
salvação pras nossas almas
graças pra servir a Deus
senhora dona da casa
saia na porta da rua
venha ver Espírito Santo
que veio à procura sua
ô de casa, ô de fora
menina vai ver quem é
é os olhos de Maria
coração de Manuel
eu de longe eu avistei
a luzerna de um farol
é Divino Espírito Santo
que está na terra maior
o senhor que deu a jóia
Deus lhe pague Deus lhe ajude
o Divino Espírito Santo
lhe dê vida e saúde

quando eu canto esta cantiga
me alembra de quem cantou
me lembra dessas Caixeiros
que morreu, já se acabou.

SERENO DA MADRUGADA

solo

na vossa porta parou

Nosso delicado Deus

refrão

[eu vou salvar o Sereno
da Madrugada] (bis)

solo

tirando a vossa jóia

não é pelo amor de Deus

refrão (bis)

ai o senhor que deu a jóia

ai Deus lhe pague Deus lhe ajude

O Divino Espírito Santo

lhe dê vida e saúde

quando cheguei nesta casa

a rosa me arrescendeu

foi o manto da Senhora

que na janela estendeu

ô de casa, ô de fora

menina vai ver quem é

é os olhos de Maria

coração de Manuel

ai Manuel Manuelzinho

nome de Nosso Senhor

se Manuel fosse um frade

seria meu confessor

Viajando e chegando a uma casa

Só um Deus

refrão

[só um Deus, só um Deus, só um

Deus, só um Deus há. Aêê]

meu Divino Espírito Santo

onde vós tava metido

aparece de um ano a outro

seja bem aparecido

graças a Deus para sempre

nós tornamos a voltar

trazendo o Pombo Divino

da glória celestial

ai de longe eu avistei

uma Bandeira encarnada

ai com o laço de fita branca

no meio a Cróa sentada

ai eu vou dar a despedida

numa folha de romã

não cantamos tudo hoje

deixa outro pra amanhã

ai eu vou dar a despedida

numa folha de espinho

meus senhores e senhoras

se despeçam do Divino

SANTO ANTONIO DE LISBOA

o sol de manhã é rei

meio dia é reis croado

às quatro horas ele é morto

e as seis horas é seportado

refrão

[minha Virgem de Oliveira

meu Santo Antônio de Lisboa

nós viemos rezando

Bendito da Santa Cróa]

ai lá no céu tem três anjinho

todos três andor de pau

anunciando Espírito Santo

com todo seu pessoal

a minha cabeça me dói

ai meu corpo doença tem

ai quem curar minha cabeça

cura meu corpo também

ai o senhor que deu a jóia

ai Deus lhe pague Deus lhe ajude

ai Deus lhe de muitos aumento

ai pra favorecer os pobres

ai eu vou dar a despedida

numa folha de romã

não cantamos tudo hoje

deixa outro pra amanhã

AI EU VOU BEBER ÁGUA NO CÉU

refrão

[ai eu vou beber água no céu

ai eu vou beber água no céu]

nasceu pai nasceu a rama

da rama nasceu a flor

refrão

e da flor nasceu Maria

mãe do nosso redentor

refrão

Maria vós foste aquela

que estava em oração

aquela que reduziu

a maior culpa de Adão

a maior culpa de Adão

dores de Nossa Senhora

se nossa alma bem soubesse

recordava toda hora

de correr venho cansada

de cansada me assentei

venho atrás de Espírito Santo

agora descansarei

minha nobre Imperatriz

eu ja fiz o seu mandado

a Divina Santa Cróa

lhe fiquei muito obrigado

Salvando

Ê PAPAI MIRANDA

refrão

[ô papai é papai Miranda
é papai é papai Miranda
ele é o mirandeiro
ele é o mirandeiro]

[de correr venho cansada
de cansada me assentei] (bis)
refrão

[venho atrás de Espírito Santo
agora descansarei] (bis)

ai Espírito Santo é Deus
ninguém pode aduvidar
ai em toda parte que chega
ai faz o povo se alegrar

ai meu Divino Espírito Santo
como vós passou a noite
ai foliôa eu passei bem
passei visitando os outros

senhora dona da casa
eu já fiz o seu mandado
Espírito Santo me disse
que ficou muito obrigado

não sei que cantiga eu canto
na porta do quitandeiro
uma cantiga bonita
pra ganhar muito dinheiro

FALA DE MARLENE: *Porque quando eu me entendi e a gente cantava caixa na beira do campo, ou aqui mesmo sentada nessa casa que a gente tocava caixa. Ai eu co-nheci a finada Ricardina, Raimunda Boró, essas mais antigas cantando essa música. O fato de que a gente ainda não tinha cantado com as meninas aqui em Alcântara, mas eu me lembrei dela agora. Eu sei que tinha essa música.*



VAMOS SALVAR OS BRASILEIROS

refrão

[vamos salvar os brasileiro

aê êa] (bis)

meu Divino Espírito Santo aê êa
como vós passou a noite aê êa

refrão

ai foliôa eu passei bem aê êa
ai passei visitando os outros
aê êa

meu Divino Espírito Santo

aonde vós tava metido

aparece de um ano a outro
seja bem aparecido

ai que barco grande é aquele

que vem nas ondas do mar

Nossa Senhora vai dentro
e os anjinhos vão remando

ai Espírito Santo é Deus

ninguém queira duvidar

em toda parte que chega
faz o povo se alegrar

ai alegrei-me mãe de Deus

que já é chegada a hora

ai de vós subires ao céu

ai seja rainha na glória

ai rainha Santa Isabel
é prima de São Zacarias
ai é mana do Pai Eterno
o filho da Virgem Maria

ai meu senhor São Benedito

ai a vossa capela cheira

ai cheira a cravo e cheira a rosa
e cheira a flor da laranjeira

SEVERA

refrão

[Severa minha Severa

Severa minha querida

[Severa por ti eu morro

eu morrerei perder a vida] (bis)]

refrão

eu já vi esta senhora

mas não sei aonde

lá no céu atrás das nuvens

onde as estrelas se esconde

eu estava no manto estava

olhando para uma luz

eu vi os anjos rezando

nos braços da santa cruz

a cruz que o senhor carrega

é de madeira pesada

por ser de madeira verde

cada passo se ajoelha

CD 2

DIVINO ESPÍRITO SANTO DOBRADO

BOM JESUS DA CANA VERDE

chaga divina valei-me
seja pelo amor de Deus
salvação pra nossas almas
graças pra servir a Deus

salvação que vós ganhou
mas não é para vós só
arrepanta com as Caixeiiras
junto com a Bandeira Mor

Bandeira minhas Bandeira
Bandeira mais do que eu
quero que voces me digam
que dia Cristo nasceu

que dia Cristo nasceu
eu não sei não estava lá
quando cheguei nesse mundo
achei Cristo no altar

ÊA

êa sol de manhã é reis, êa
êa meio dia é reis croado êa
êa as quatro hora ele é morto
êa as seis hora é seportado

alegrai-me mãe de Deus
que já é chegada a hora
de vós subires ao céu
seres rainha na glória

[eu plantei um pé de cravo
ao pé da rosa abricó] (bis)
[ai resplandeça Espírito Santo
naquele dia maior] (bis)

ai graças a Deus para sempre
que tornamos a voltar
refrão
ai com o mesmo Pombo Divino
da glória celestial

ai Meu Divino Espírito Santo
como vós passou a noite
ai foliôa eu passei bem
passei visitando os outros

Levantando o Mastro

AREIA AREIA

eu plantei um pé de cravo
ao pé da rosa abricó
ai resplandeça Espírito Santo
naquele dia maior

ai naquele dia maior
houve um grande paladar
ai logo no entrar da missa
quando o padre vai croar

ai naquele dia maior
se sortou-se um Pombo Branco
ai foi-se achar ele no céu
domingo de Espírito Santo

quando eu entrei na igreja
ai eu olhei nosso Senhor
olha como é tão bonita
ai a festa de Imperador

ai na mesa de Espírito Santo
hoje abriu nove rosas
três brancas, três amarelas,
três encarnadas cheirosas

areia areia
ai eu de longe eu avistei
areia areia
ai a luzerna de um farol
areia areia

ai é o Mastro da Santa Crôa
ai que tá na terra maior
areia areia

refrão

le areia meu bem areia

areia areia

e areia do mar lá fora

areia areia]

ai de longe eu avistei

ai uma bandeira encarnada

ai com laço de fita branca

ai no meio a Crôa sentada

ai que barco grande é aquele

ai que vem nas ondas do mar

ai Nossa Senhora vai dentro

ai os anjinhos a remar

ai minha Virgem das Mercês

ô tá com a face para o mar

ai esperando o bento filho

ai quando vem de Portugal

a Zabelinha caiu n'água

ai da proa do meu navio

ô olha como é tão bonita

a Zabelinha pelo rio

e areia meu bem areia

areia areia

e areia do mar lá fora

areia areia

ALVORADA QUE ENCERRA O ENTERRAMENTO DO MASTRO

[meu coração tava triste
mas agora se alegrou] bis
[o Mastro tava deitado
agora se alevantou] bis

que Pomba Branca é aquela
na ponta daquele Mastro
é Divina Santa Croa

que avoou se pôs tão alta

minha nobre Imperatriz

eu já fiz o seu mandado

a Santa Crôa me disse

que ficou muito obrigado

ALVORADA NOVA

refrão

[Alvorada Nova
novas Alvorada
de manhã bem cedo
sobre a madrugada

alecrim cheiroso

angerca dobrada

ao sair da estrela

ela foi croada]

levantei de madrugada

fui varrer a Conceição

encontrei Nossa Senhora

com seu raminho na mão

eu pedi um galho a ela

ela me disse que não

eu voltei e tornei pedir

ela me deu seu cordão

senhor padre São Francisco

me benzei este cordão

que me deu Nossa Senhora

a virgem da Conceição

AS BANDEIRINHAS (CORO):

*Danielle Rodrigues Pereira,
Claudilene Rodrigues Pereira
e Daniele de Jesus Leitão*



numa ponta tem São Pedro
na outra tem São João
bem no meio tem o letrado
da virgem da Conceição

a virgem da Conceição
ela é minha vizinha
to pedindo a ela
pra ser minha madrinha

Prendemos Mordomos

PRISÃO

eles vão pro pau!
elas vão pro pau!
é pro pau do Imperador
é pro pau da Imperatriz!
...

PRISÃO DO PASSARINHO

Passarinho que tá preso
no galho do limoeiro
quem soltar meu Passarinho
pague logo meu dinheiro

Passarinho que tá preso
está preso porque quer
quem soltar meu Passarinho
peça benção a São José

que Pomba Branca é aquela
na ponta daquele Mastro
é Divina Santa Cróa
que avó se pôs tão alta

Visitando

ORA PRO NOBIS

ai quando saio lá de casa
ora pro nobis
uma velha assim chorou
miserere nobis
meu filho não vai brigar
que teu pai nunca brigou
ora pro nobis

meu filho não vai brigar
que teu pai nunca brigou
teu avô morreu de velho
de um pescção que levou

quando eu cheguei nesta casa
eu olhei pela janela
ai veja como é tão bonita
festa de Mordoma Régia

ai minha nobre Imperatriz
ai licença me queira dar
dê-me licença que eu entre
no seu rico Tribunal

ai a licença já está dada
ai para a hora que vós quiser
ai pela mão do Mestre-Sala
ai mandada por São José

ai São José esposo dela
ai que tanto lhe adorava
ai desde que Jesus nasceu
o fruto que se esperava

o fruto que se esperava
era um menino Deus
nasceu com uma cruz na mão
dando vivas pros judeus

eu bem estava lhe esperando
com prazer e alegria
entra Mordomos entrai
com Deus e a Virgem Maria

Maria vós foste aquela
que estava em oração
aquela que reduziu
a maior culpa de Adão

a maior culpa de Adão
dores de Nossa Senhora
se nossa alma bem soubesse
recordava toda hora

ai minha nobre Imperatriz
ai licença me queira dar
dê-me licença que eu saia
com o Pombo Celestial

ai a licença já está dada
pra hora que vós quiser
pela mão do Mestre-Sala
ai passada por São José

seu Alferes da Bandeira
cuida na sua obrigação
pegue no seu estandarte
reúna seu batalhão

vai-te embora Pombo Branco
correr mundo a passear
ai que pena que eu tenho
é não poder lhe acompanhar

NÃO SAIO SEM ME BENZER

refrão

quando eu saio de lá de casa
não saio sem me benzer
a Chama Santa do meu nome
e nada é de acontecer

alegrai-me mãe de Deus
que já é chegada a hora
de vós subires ao céu
seres rainha na glória

ai eu bem estava esperando
ai com prazer e alegria
ai entremos gente entremo
ai com Deus e a Virgem Maria

ai filho da Virgem Maria
ai é Jesus anunciado
e para nos remir e salvar
ai foi morrer crucificado

ai entremos gente entramos
ai por este portão sagrado
ai vamos ver a Santa Crôa
ai que avoô torna sentar

ô que altar tão bonito
ai nele não lhe falta nada
ai só falta manjar do céu
e mais a hóstia consagrada

minha nobre Imperatriz
ai licença nos queria dar
ai dê-me licença que eu saia
ai com o Pombo Celestial

ai a licença já está dada
ai para a hora que vós quiser
ah pela mão do Mestre-Sala
ai mandada por São José

seu Alferes da Bandeira
ai cuide na sua obrigação
ai pegue no seu estandarte
reúna seu batalhão

ai fica vós com Deus adeus
ai que eu também com Deus me vou
ai fique com a Santa Crôa
ai que eu me vou com o Redentor

Levando o Império para a Coroação

NO BATER DA MINHA CAIXA

refrão

[no bater da minha caixa
estou convidando as foliôa, aê]

o sol quando nasce é rei, aê
aê meio dia é reis croado

refrão

às quatro horas ele é morto aê
e as seis horas é sepultado

eu quero assubir ao céu
eu quero ver a meu Deus
eu quero tomar a benção
pra nosso pai verdadeiro

em que cama está deitado
em que palhinha nasceu
a cama que Jesus deita
é uma cama mimosa
ainda mais bonita fica
ai quando se enfeita de rosa

ai domingo de Espírito Santo
houve um grande paladar
logo no entrar da missa
onde o padre vai croar

ai vai sem Crôa vem com a Crôa
nobre Imperador Real

AURORA

eu plantei um pé de cravo (bis)
Aurora, ao pé da rosa abricó
e Aurora ao pé da rosa abricó
ai respandêça Espírito Santo (bis)
Aurora , naquele dia maior
e Aurora naquele dia maior

A CAIXEIRA ANICA
(*Ana Benedita Ferreira*)

ai naquele dia maior
se sortou-se um Pombo Branco
foi-se achar ele no céu
ai domingo de Espírito Santo

ai domingo de Espírito Santo
houve um grande paladar
ai logo no entrar da missa
ai quando o padre vai croar

ai vai sem Crôa vem com a Crôa,
nobre Imperador Real

Entregando os postos aos novos Mordomos

AÊ AVE MARIA, AÊ AVE MARIA

refrão

[aê Ave Maria, Aê Ave Maria
ai Espírito Santo é Deus
ninguém pode aduvidar]
refrão
ai em toda parte que chega
ai faz o povo se alegrar

ai de correr venho cansada
ai de cansada me assentei
eu venho atrás de Espírito Santo
e agora descansarei



ai Deus nos dê muito bom dia
 ai nobre Mordomo Real
 ai venha receber seu posto
 que viemos lhe entregar

ai eu bem estava lhe esperando
 ai pela vossa boa vinda
 ai entra Imperatriz entrai
 ai com Deus e a Virgem Maria

a licença já está dada
 ai na hora que vós quiser
 ai pela mão do Mestre-Sala
 ai passada por São José

ai seu Alferes da Bandeira
 ai cuide na sua obrigação
 ai pegue no seu estandarte
 ai reúna seu batalhão

ai minha nobre Imperatriz
 ai eu já fiz o seu mandado
 ai a Santa Cróa me disse
 que ficou muito obrigado

ARREIA A CAIXA NO CHÃO

meu Divino Espírito Santo
 como vós passou a noite

refrão
 [arreja Caixeira arreja
 arreja a caixa no chão

arreja a caixa no chão]
 foliôa eu passei bem
 passei visitando os outros

Esprito Santo é Deus
 ninguém pode aduvidar
 em toda parte que chega
 faz o povo se alegrar

minha cabeça me dói
 meu corpo doença tem
 quem curar minha cabeça
 ai cura meu corpo também

bonito eu gostei de ver
 bonito eu gostei de olhar
 as minhas nobres Bandeiras
 são uma rosa pra cantar

Bandeiras minhas Bandeiras
 ai Bandeiras mais do que eu
 eu quero que vocês me digam
 que dia Cristo nasceu

que dia Cristo nasceu
 ai eu não sei, não estava lá
 quando cheguei nesse mundo
 achei Cristo no altar

meu Divino Espírito Santo
 vou lhe fazer um pedido
 vós nos dê nossa saúde
 pra nós poder vos servir

Intérpretes

Caixeiros

Ana Benedita Ferreira**Marlene Silva**

Bandeiras (coro)

Daniele de Jesus Leitão**Danielle Rodrigues Pereira****Claudilene Rodrigues Pereira**Pesquisa e coordenação
do projeto**Marise Glória Barbosa**

Captação do som em campo

Marise Glória Barbosa

Mixagem e masterização

Estudio 185 – São Paulo

Técnicos de som

Rildo Velloso – mixagem**Beto Mendonça** – masterização

Texto do encarte

Marise Glória Barbosa

Revisão do texto

Jaqueline Fontenelle Duarte

Fotografias

Juvenal PereiraRegistro fotográfico
do trabalho em campo**Marise Glória Barbosa**

Identidade visual e ilustrações

Caroline Barbosa Soares

Projeto gráfico e editoração

Gabriela Favre

Produção gráfica

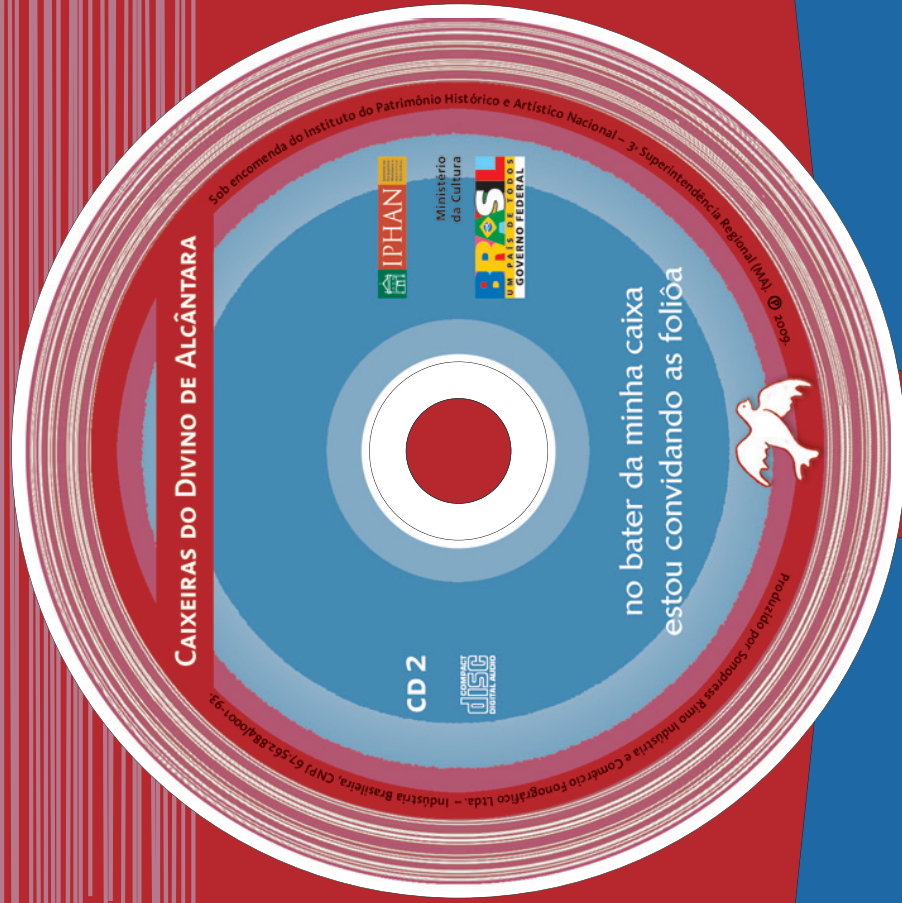
Paralelos Assessoria**Fonográfica**

Apoio

M.A.R. Guimarães**Pró-Serviços**

Produção

Marise Glória Barbosa**IPHAN**INSTITUTO DO
PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E
ARTÍSTICO
NACIONAL**Ministério
da Cultura**



CD 2

1. BOM JESUS DA CANA VERDE
2. DIVINO ESPÍRITO SANTO DOBRADO
3. AREIA AREIA – PARA LEVANTAR O MASTRO
4. ALVORADA QUE ENCERRA O ENTERRAMENTO DO MASTRO
5. ALVORADA NOVA
6. PRISÃO
7. PRISÃO DO PASSARINHO
8. ORA PRO NOBIS
9. NÃO SAIO SEM ME BENZER
10. NO BATER DA MINHA CAIXA
11. AURORA
12. AÊ AVE MARIA, AÊ AVE MARIA
13. ARREIA A CAIXA NO CHÃO



Ministério
da Cultura

